



A VOZ DO SECTOR AGRO-AMBIENTAL

Periodicidade: Mensal | Edição XI | Ano II - SETEMBRO 2024 | Director: William Mapote | [www.revistaterra.co.mz](http://www.revistaterra.co.mz)

# BARREIRAS TARIFÁRIAS AFASTAM CARNE BRASILEIRA

Representantes do maior exportador mundial de carne bovina pedem redução das taxas para assegurar entrada no mercado nacional



# Se é **Agro** ou **Ambiental**

Somos seu parceiro de  
comunicação

**Contacte-nos**

[comercial@revistaterra.co.mz](mailto:comercial@revistaterra.co.mz)

[www.revistaterra.co.mz](http://www.revistaterra.co.mz)

+258 863233900



# ÍNDICE



## 01. Barrada pelas tarifas

08. El Niño quebra produtividade e deixa sector familiar em desespero

09. Seca faz so ar alarmes na produção energética na HCB

11. POPULAÇÃO E ALIMENTOS EM CONFRONTO COM A REALIDADE FUTURA?

13. Nova vaga de inundações urbanas à vista

14. Protecção do Miombo conquista novos fundos em Nova lorque

16. Preço de alimentos em alta no mercado global



[www.revistaterra.co.mz](http://www.revistaterra.co.mz)



[redacao@revistaterra.co.mz](mailto:redacao@revistaterra.co.mz)

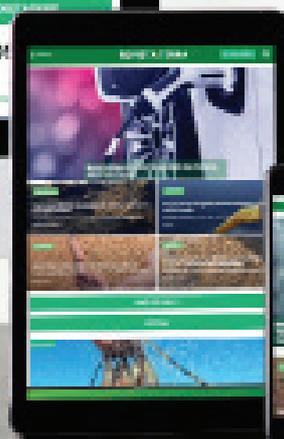
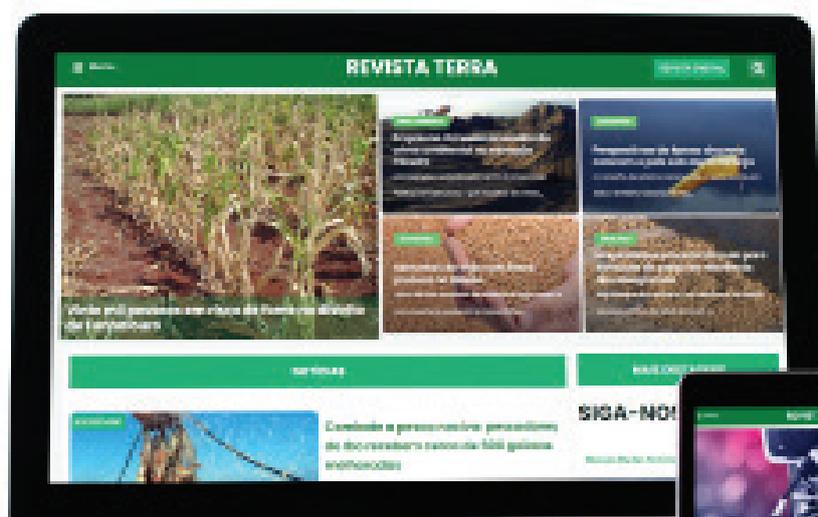


[@revistaterramz](https://twitter.com/revistaterramz)



[@revistaterra](https://facebook.com/revistaterra)

**Aceda a nossa**  
*plataforma*  
**online através do**  
*www.revistaterra.co.mz*



## Ficha técnica

**Propriedade**  
Terramedia Consultoria e  
Serviços - SU

**Publicação:**



**Revista Terra**  
Rua da Resistencia n.º  
1642, 3º Andar, Porta M  
Telef.: +258842399758,  
+258863233900  
+258821233910

**Email:** redacao@  
revistaterra.co.mz

**Registo sob n.º**  
**122/GABINFO/**  
**DEPC/210/2022**

**Editor**  
William Mapote

**Redacção:**  
William Mapote  
Julio Armindo F.  
Guilherme FM  
Israel Falcão

**Colaboradores:**

Dayson Cossa  
Arcelino S. Cumbi  
Nordino Gabriel  
Carma S.  
Amade Camal  
Adelino Buque  
Afonso Almeida Brandão

**Revisor Linguístico:**  
AR&Servicos SU

**Maquetização**  
Revista Terra  
Flora Langa  
Samuel Maribate

**Online/Webdesign**  
**Rui Baltazar**

**Administração:**  
**Narciso Filimão**

**website:**  
www.revistaterraonline.com  
www.revistaterra.co.mz

**Twitter:**  
@revistaterramz

# Editorial

## Agricultura no Limbo

Volvidas cerca de cinco décadas em que se apregoa a “agricultura como base de desenvolvimento”, o que, a olho nu não tem passado de uma narrativa de faz de contas ou, como se diz na vox populi, conversa “para fazer o boi dormir”, neste prenúncio de viragem de mais um ciclo governativo, estivemos atentos para ouvir com que linhas se pensa tirar este vital sector do limbo em que, de facto, está acantonado.

Durante a longa quaresma de promessas em que os candidatos estiveram a vender os seus manifestos eleitoralistas, a visão sobre o sector agrário foi de todo a mesma.

De todas as vozes ouviu-se uma mão cheia de nada, pelo menos no que diz respeito à ideias concretas que pudessem dar mostras de que algo de novo está por vir.

As visões sobre o sector foram, praticamente, comuns entre as candidaturas. De forma tímida foram sendo lançadas abordagens cheias de visões, mas, nada se ouviu em termos de ideias objectivas e sustentáveis que mostrem um compromisso de resgatar a narrativa trazida desde a 1ª Constituição da República, de fazer da Agricultura a base do desenvolvimento”.

Contrariamente e, quiçá, estimulados pelo apetite do lucro fácil que os

r e -  
c u r -  
s o s

minerais representam, particularmente o petróleo e gás, a eloquência dos manifestos pareceu-nos mais audível a este respeito, como se um novo advento apontasse para os hidrocarbonetos como a nova base para o desenvolvimento, o que, talvez, não possa estar errado, num contexto em que se promova continuamente um consumo doméstico dependente de importações e em que o sector produtivo esteja relegado a plano insignificante.

Até ao momento, a responsabilidade pelo estágio da agricultura nacional é de quem vem governando o país, contudo, a avaliar pelo que fomos ouvindo ao longo da campanha eleitoral, tristemente podemos, sem grande margem de erro, concluir que, situação melhor não poderia ter acontecido, mesmo se outro partido tivesse estado no poder ao longo do percurso.

Os manifestos eleitorais são apenas uma parte de um todo. Reflectem uma visão daquilo que os planos de governação irão esmiuçar e, por isso, eventualmente, pode até haver surpresas ao nível prático. Contudo, escusado seria dizer que a agricultura nacional precisa de uma visão e planos ousados e extremistas, no sentido positivo, salvo, é claro, se quiser-se perpetuar mentalidades consumistas e em nada produtoras das suas necessidades básicas.

Mais certo, para nós, é que até aqui, ninguém parece ter apresentado ideias para tirar o sector do limbo.



*William Mapote*

E-mail: editor@revistaterra.co.mz



# **Barrada** pelas tarifas



## A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC) aponta as barreiras tarifárias como o principal factor que limita a entrada no mercado moçambicano.

**A** pesar da apetência que têm pelo Mercado nacional, atraídos por aspectos como as similaridades de hábitos alimentares e as potencialidades de crescimento da demanda de consumo de carnes, nomeadamente, bovina e derivados, os produtores brasileiros dizem que em termos de negócio, o país não é atractivo.

“O mercado moçambicano tem potencial considerável para a carne brasileira, especialmente devido ao crescimento da demanda por proteínas de qualidade. No entanto, as elevadas tarifas de importação tornam os produtos brasileiros menos competitivos frente a outros fornecedores que podem ter acordos tarifários mais favoráveis com Moçambique”.

“A análise indica que, sem uma redução dessas barreiras, a penetração da carne brasileira será limitada, a menos que haja uma reavaliação das condições tarifárias”, explicou Paulo Ricardo Campani, responsável pelo departamento das Relações Institucionais da ABIEC, em entrevista exclusiva à Revista Terra.

Detentor do que se classifica como o maior rebanho comercial do mundo, estimado em mais de 197 milhões de cabeças, e uma produção anual de 10.6 milhões de toneladas, o Brasil lidera as exportações de carne bovina, representando cerca de 14% do comércio global.

A ABIEC realça a apetência pelo mercado moçambicano, garantido ter capacidade para “oferecer carne bovina de alta qualidade e em quantidades robustas, podendo atender tanto o sector de retalho quanto o industrial”, e espera que haja acordo tarifário para viabilizar o negócio.

“Os próximos passos envolvem um esforço diplomático e comercial para negociar a redução das tarifas ou a criação de acordos comerciais que favoreçam a exportação

de carne brasileira para Moçambique. Também será necessário fortalecer a cooperação com parceiros locais e aumentar a promoção da carne brasileira no mercado, para gerar maior interesse e criar demanda que justifique a busca de soluções para os altos custos de importação”, explicou a nossa fonte.

Para cimentar o interesse de expansão da carne brasileira no Mercado nacional, a ABIEC marcou presença na última edição da Feira Internacional de Maputo (FACIM).

De acordo com Paulo Campani, os resultados da participação na maior feira nacional, mostram sinais encorajadores para o futuro.

“Foram estabelecidos contactos com distribuidores locais, redes de supermercados, autoridades governamentais e importadores. Esses encontros foram úteis para entender o cenário comercial de Moçambique. As discussões permitiram avaliar oportunidades de colaboração com o Governo e com parceiros comerciais locais para mitigar o impacto dessas tarifas por meio de negociações bilaterais ou alternativas comerciais”, garantiu.

Dados estatísticos contidos no relatório referente ao ano passado, indicam que aquele país exportou um total de 2,29 milhões de toneladas de carne bovina, para 157 países.

Realçar que o mercado africano não tem sido famoso para as exportações da carne brasileira. De acordo com dados oficiais, apenas pouco mais de 57 mil toneladas entraram no Mercado continental, concretamente para a Costa do Marfim, Congo, Gana, Angola, Marrocos, Guiné Equatorial, Argélia, Nigéria, Serra Leoa e Tunísia.



Paulo Ricardo Campani (à direita)

Créditos: ABIAC

# El Niño quebra produtividade e deixa sector familiar em desespero

A produção do milho, uma das culturas mais importantes na produção familiar e na dieta alimentar no país foi a mais afectada, havendo produtores que apenas conseguiram colher 200 quilogramas por hectare.



**A** última vaga do fenómeno climático El Niño que afectou parte das regiões Sul e Centro, entre Outubro de 2023 a Abril do presente ano, deixou marcas profundas no nível de produtividade agrícola nas províncias de Gaza, Sofala, Manica e Tete, onde milhares de produtores do sector familiar estão em situação de alerta de fome.

De acordo com dados de fonte oficial do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural (MADER), a seca resultante do El Niño afectou severamente a produção de milho, em particular, chegando a reduzir os níveis de colheita dos camponeses para apenas 200 quilogramas.

“Tivemos uma redução nos rendimentos. Por exemplo, o milho ficou muito afectado e onde os rendimentos por hectare eram de 700 a 800 quilogramas, baixou-se para 300 a 200 quilos por hectare”, resumiu Hiten Shah, responsável na Direcção Nacional de Agricultura Familiar, falando, recentemente em entrevista à Revista Terra.

Apesar dos níveis de produção terem atingido quantidades bastante baixas nas regiões fustigadas pela seca, a fonte disse que, dada a dimensão que o fenómeno teve ao nível da região, a situação em Moçambique foi melhor comparando com países vizinhos.

“A situação não é tão grave como Malawi e Zâmbia que ti-

veram uma seca tão severa. No nosso caso, não houve em nenhum sítio, com o trabalho feito de inquéritos, em que o produtor não tenha absolutamente nada como produção”, explicou.

Como consequência da perda de culturas, milhares de famílias camponesas enfrentam uma crise alimentar, parte das quais necessitam, segundo indicações do Instituto Nacional de Gestão de Desastres (INGD), de assistência imediata em alguns distritos de províncias como Gaza, Sofala, Tete, Manica e Zâmbia.

De referir que não foi feito qualquer balanço oficial sobre a época agrícola passada, contudo, os sinais indicam que, ao nível de cereais, os resultados estiveram



## Próxima época também em risco

O Instituto Nacional de Meteorologia (INAM) divulgou, no início do mês, a previsão sazonal da época chuvosa que inicia já neste mês de Outubro. Com um misto de sinais extremos, a previsão lança mais um alerta para o sector agrícola, com riscos de continuidade de seca em alguns pontos e excesso de chuvas noutros.

Com base nos sinais emitidos pelas previsões, o MADER olha para a primeira época da próxima sementeira

com um misto de expectativas.

“Para o período de Outubro a Dezembro prevemos boa satisfação hídrica nas regiões Sul e Centro e isso é uma informação de extrema importância porque saímos de uma situação de Seca e El Niño e essas duas regiões sofreram de forma significativa, mas no mesmo período, também, estamos preocupados com a região Norte em que as probabilidades são baixas em termos de satisfação hídrica”, perspectivou Hiten.

Para melhor rentabilizar a primeira época, as autoridades dizem que a melhor opção é escalonar as sementeiras.

“Recomendamos que as sementeiras na região Norte sejam tardias, enquanto que nas regiões Sul e Centro sejam de forma normal e escalonada”, aponta a nossa fonte.

Apesar das expectativas optimistas para a primeira época, a produção da próxima campanha será influenciada pelo comportamento hídrico no primeiro trimestre do próximo ano, onde as previsões mostram sinais de alerta.

“Prevemos que haja uma boa satisfação hídrica em todas as regiões, porém, temos algumas manchas de satisfação média a baixa para as províncias de Tete e Zambézia e nessas províncias e algumas manchas na província de Gaza estaremos a monitorar de forma permanente para que consigamos reduzir o risco que existe de falha na campanha”, admite o MADER.

Aliado à provável baixa precipitação nas zonas em alusão, previsões da Direcção Nacional de Gestão de Recursos Hídricos alertam para o risco de perda de cerca de 400 mil hectares de diversas culturas, devido a inundações em outros pontos do país.

## Seca faz soar alarmes na produção energética na HCB

Os níveis de armazenamento da água na bacia do Zambeze, que alimenta a albufeira de Cahora Bassa, atingiram o nível mais baixo dos últimos 30 anos, o que coloca em risco a capacidade de produção de energia eléctrica na maior barragem nacional.

De acordo com dados divulgados nesta sexta-feira, pela Direcção Nacional de Recursos Hídricos (DNRH), a bacia está actualmente com 46% da sua capacidade de encaixe, situação que pode comprometer as metas nacionais de produção de energia.

“A bacia está com os níveis de armazenamento mais baixos dos últimos 30 anos. Só para termos uma ideia, num período igual a este, a Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) devia estar mais ou menos a 80% do nível de armazenamento”, explicou Agostinho Vilanculo, técnico sénior da DNRH.

Com as previsões meteorológicas a apontarem para pouca chuva para a região Centro, no primeiro terço da época

chuvosa que inicia próximo mês, Vilanculo frisa que com base nos dados existentes, não se augura boa situação para a hidroeléctrica nacional.

“A previsão mostra que haverá chuvas abaixo do normal entre Outubro, Novembro e Dezembro e, estando com 40% na HCB, a situação não é das melhores”, alertou.

“Temos que rezar. Tem que chover para se incrementar os níveis de armazenamento, sob pena de nos vermos comprometidos naquilo que são as metas de produção de energia”, frisou.

Refira-se que a actual crise chega após um ano em que, segundo dados oficiais, a produção energética da HCB atingiu 6.057,55 GWh, um volume classificado como o maior dos últimos cinco anos.



# Garantia Qualidade Conforto



FABRICANTES DE: MOBILIÁRIO  
ESCOLAR, HOSPITALAR E DE  
ESCRITÓRIO

## Mobiliário Escritório

- Secretárias
- Armário p/ arquivo
- Arquivadores, estantes
- Cadeiras giratórias
- Mesinhas p/ telefone
- Mesas p/ computadores

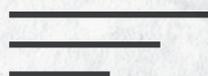
## Mobiliário Hospitalar

- Cama hospitalar
- Cama articulada
- Biombo, Macas
- Mesa ginecológica
- Mesa de observação
- Maca com carro
- Suporte de sorros, etc.



## Mobiliário Escolar

- Carteiras metálicas
- Carteiras em madeira
- Carteiras universitárias
- Mesa p/ professor
- Estantes p/ biblioteca



Carteira Escolar Dupla

### Maputo

Rua das Abacateiras nº 738  
Telefax: 21 781 183  
Cell: 82 4664940  
Email: matafil\_lda@gmail.com

### Beira

Rua Base N'Tchinga  
Telefax: 23327634  
Cel: 825309760  
Email: matafil\_lda@hotmail.com



## Afonso Almeida Brandão

Colunista

**D**uas graves crises demográficas do Mundo dos nossos dias, simultâneas mas de sentido oposto, poderão vir a afectar seriamente o futuro do Planeta Terra. Nos países desenvolvidos, o problema é a quebra das taxas de natalidade que diminui drasticamente o número de jovens em relação a idosos e ameaça reduzir ainda mais as populações (a previsão para Portugal é de que em 2045 poderá não ter mais do que 14,2 milhões de habitantes). Nos países subdesenvolvidos, de que damos os exemplos de Moçambique e de Angola, o problema é o inverso: a população cada vez aumenta mais, e de uma forma descontrolada.

Apesar destes três casos serem problemáticos, a situação dos países desenvolvidos poderá trazer alguns benefícios a longo prazo. De facto, a crise reside nos rácios entre população activa e não activa, mas o declínio da população poderá não ser um problema tão grave a longo prazo quando tivermos em conta os avanços na automatização.

Em contrapartida, uma enorme população pode criar problemas gravíssimos. Globalmente considerado, o Planeta está cada vez mais sobrelotado: hoje já há mais de 7 mil milhões de humanos a viver na Terra. Mas em breve seremos ainda mais: algumas previsões

## OPINIÃO

# POPULAÇÃO E ALIMENTOS EM CONFRONTO COM A REALIDADE FUTURA?

apontam para uma população mundial de 9 mil milhões em 2045, outras prevêem números ainda mais altos.

Esta não é uma questão nova. Thomas Robert Malthus foi, no final do Séc. XVIII, o primeiro economista a analisar as crises demográficas que assolavam sobretudo e periodicamente a Europa, chegando à conclusão de que o crescimento populacional era um processo exponencial que não estava dependente dos índices de produção agrícola. Ou seja: mesmo escasseando a comida, a população continuaria a aumentar até esse crescimento ser travado por meio de doenças ou por meio da fome quando finalmente a produção de comida não chegasse para alimentar toda a população.

Existem duas formas genéricas de olhar para as conclusões de Malthus. Há aqueles que consideram que o importante é aumentar a produção, dessa forma evitando a “armadilha demográfica”, e há aqueles que consideram que é importante limitar o aumento descontrolado da população.

Durante a revolução industrial do século XIX e a Revolução Verde dos anos 70 do Séc. XX, propagou-se a ideia de que o Malthusianismo era uma teoria ultrapassada. De facto, o enorme aumento de produção de comida permitiu alimentar mais bocas do que nunca. Só que, agora, o problema poderá não estar apenas na escassez de comida em si.

## A IRONIA DO DESENVOLVIMENTO

Nas últimas duas décadas, milhões de pessoas saíram da miséria nos países em via de desenvolvimento. Hoje, mais pessoas têm acesso a condições de vida aproximadas das da classe média ocidental. Infelizmente, não existe a garantia de que os recursos disponíveis sejam suficientes para manter estas condições de vida, pelo menos para tantos milhares de milhões.

O relatório britânico prevê que, graças a desenvolvimentos na agricultura, a produção de alimentos poderá aumentar algo como 70% nos próximos trinta anos —

não será suficiente para alimentar vastos milhares de milhões de pessoas.

Pior: o aumento da popularidade do biodiesel (obtido pelo processamento de produtos agrícolas) está a colocar muitos países perante um dilema — ou cultivam para comer ou cultivam para produzir biodiesel. À medida que o petróleo se tornar mais escasso e aumentar o recurso ao biodiesel (especialmente porque os velhos automóveis poderão ser convertidos com facilidade para esta nova energia), um número crescente de cultivadores tenderá para uma exploração energética, e não alimentar, das suas plantações. A procura excederá em muito a oferta, e como tal os preços dos bens agrícolas subirão.

As previsões mais optimistas apontam para um aumento mediano de 30% no custo dos produtos agrícolas, mas as menos optimistas apontam para 100%, ou mais. Não será um cenário inédito. Um choque similar aconteceu já em 2006, quando os preços da comida dispararam em todo o Planeta, só sendo a crise solucionada por meio de intervenções estatais.

As consequências políticas e sociais seguir-se-ão, caso o pior aconteça. Nada de novo ou inédito na história. A revolução francesa, por exemplo, teve como causa próxima a insatisfação dos parisienses com o preço da comida.

Para os países em desenvolvimento, o cenário ainda piora mais no futuro. Não só terão de resolver todos os problemas inerentes a uma taxa demográfica descontrolada, como enfrentarão um problema extra, para o qual os cientistas vêm chamando a atenção: as alterações climáticas vão levar a que a produtividade agrícola decresça nos países mais próximos do Equador, nomeadamente em África e no Sudeste e Sul da Ásia. Curiosamente, é provável que a produtividade aumente nos países em latitudes mais elevadas, como Portugal por exemplo.

A triste ironia é que os países que vão precisar mais de comida serão, precisamente, aqueles que vão ter

cada vez mais dificuldade em produzi-la.

## TODAS AS GOTAS CONTAM

Água: todos dependemos dela. A humanidade e a sua civilização dependem de um fornecimento constante de água doce, um recurso finito, cuja “produção” não pode ser aumentada facilmente e sem enormes custos (a dessalinização, por exemplo, é um processo proibitivamente caro). Mas, mesmo sendo um recurso finito, o seu consumo está a aumentar cada vez mais.

Uma das principais causas deste aumento de consumo? A necessidade de aumento da produção agrícola para sustentar o enorme crescimento populacional que o planeta regista.

As mesmas alterações climáticas que farão diminuir a produção de comida em muitos países menos desenvolvidos tenderão também a reduzir o stock de água disponível. A quantidade de água usada hoje já é manifestamente inferior às necessidades, e muitos países no mundo ainda dependem de fontes de água insustentáveis, como aquíferos (formações geológicas com águas subterrâneas). Estima-se que o consumo aumente em cerca de 40 por cento até 2045, com uma diminuição da oferta sempre a espreitar. É por esta razão que vários cientistas avançam com um número drástico: 40 por cento da população mundial poderá ter um acesso muito limitado, ou mesmo nenhum acesso, a água potável dentro de 30 anos.

As consequências prometem ser graves. Além dos conflitos políticos já mencionados, os britânicos prevêem que, em situações de desespero, a disputa de recursos poderá ser particularmente brutal, dando azo a guerras prolongadas e sangrentas. No século XX travaram-se guerras pelo petróleo; no século XXI, parece que se vão travar pela água. No meio disto tudo que Futuro podemos prever para Moçambique, por exemplo?

Resta aguardar para ver...





## Nova vaga de inundações urbanas à vista

**C**erca de três milhões e quinhentas mil pessoas poderão ser directamente afectadas pelas inundações até finais de Março do próximo ano, alerta a Direcção Nacional de Gestão dos Recursos Hídricos (DNGRH), na sua previsão sazonal para a época que se aproxima.

De acordo com dados daquela instituição, do número previsto, pelo menos 300 mil pessoas poderão necessitar de assistência durante a época.

Segundo o mapeamento, as zonas de maior risco são as zonas ribeirinhas das bacias de Búzi e Púnguè, no Centro do país, e os bairros urbanos dos municípios de Maputo, Matola, Beira e Quelimane, onde a DNGRH recomenda a tomada de medidas de precaução.

Caso as previsões se confirmem, adivinha-se uma nova vaga de desalojados, principalmente nos municípios de Maputo e Matola, onde centenas de famílias ainda tentam se reerguer depois das chuvas do primeiro trimestre do ano em curso, que deixaram muitas casas submersas ao nível da periferia.

“O nosso apelo é que as autoridades municipais comecem a preparar condições nos locais de abrigo temporário”, disse, recentemente, Agostinho Vilanculo, técnico da DNGRH.

Ao nível de infraestruturas, a previsão indica que cerca de quatro mil escolas e 500 unidades sanitárias em todo o país poderão também ser afectadas.

# Protecção do Miombo conquista novos fundos em Nova Iorque

Moçambique conseguiu angariar mais de 500 milhões de dólares para a implementação do projecto de protecção da floresta do miombo, uma das principais bandeiras nacionais na área de conservação.

O novo pacote de fundo foi conseguido no final de Agosto passado na cidade norte-americana de Nova Iorque, durante o diálogo de alto nível sobre a Iniciativa da Gestão Sustentável e Integrada da Floresta do Miombo, organizado pelo Governo moçambicano, em parceria com parceiros internacionais.

“Conseguimos convencer o mundo que é preciso proteger o Miombo. Para tal é preciso recursos, mas colocamos, com humildade, que é preciso que a gestão seja com a máxima transparência, porque o Miombo não pertence só a Moçambique”, anunciou o Presidente da República, Filipe Nyusi, no final da sessão.

No diálogo de alto nível sobre a Iniciativa do Miombo juntou dezenas de empresários norte-americanos doadores e governantes africanos, incluindo os chefes de Estado do Botswana, Mokgweetsi Masisi, e do Malawi, Lazarus Chakwera.

“Ali ficou claro que acima de 500 milhões de dólares, mas não me parece que o número vá parar por aí. Por isso é que digo que é preciso criar um mecanismo de gestão, porque é um projecto regional”.

A Floresta de Miombo cobre dois milhões de quilómetros quadrados e garante a subsistência de mais de 300 milhões de habitantes da região do Grande Zambeze. Constitui o maior ecossistema de florestas tropicais secas do mundo e enfrenta actualmente, entre outros, problemas de desflorestação.





## AMOR lança projecto "Matutuíne Limpo"

O distrito de Matutuíne, extremo Sul da província de Maputo, conta desde o passado mês de Agosto, com um novo projecto voltado para a promoção da cidadania ambiental.

Denominado "Matutuíne Limpo", o projecto é uma iniciativa da Associação Moçambicana de Reciclagem (AMOR), e tem como objectivo "despoluir a região costeira que integra a Área de Protecção Ambiental (APA) na província de Maputo", através de acções de mitigação da poluição marinha, protecção dos ecossistemas marinhos e promoção do desenvolvimento sustentável.

A iniciativa, lançada oficialmente no dia 29 de Agosto, numa cerimónia pública que teve lugar na região da Ponta Mamoli, arrancou com uma jornada de limpeza e recolha de resíduos com envolvimento da comunidade local.

Falando por ocasião do lançamento da iniciativa, Floyd Margara, gestora do projecto, salientou que "a meta é aumentar a participação activa da comuni-

dade na recolha de resíduos marinhos", incentivando o uso do aplicativo KOLEKT, uma plataforma de monitoria dos resíduos e de flexibilização do processo da sua compra e venda.

"Com este projecto, a AMOR tem promovido uma cultura de respeito e cuidado pelo meio ambiente, envolvendo todos os membros da comunidade neste processo. Para alcançar este objectivo, a AMOR tem investido na educação e realizado actividades comunitárias, como campanhas de sensibilização e limpeza que incentivam práticas sustentáveis, incluindo a reciclagem e a redução do consumo, além de estabelecer parcerias com organizações locais e autoridades para expandir o alcance das suas acções", realçou a gestora.

"Matutuíne Limpo" é financiado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD Moçambique) e é desenvolvido em parceria com a APA Maputo, Parque Nacional de Maputo e o KOLEKT, tendo a previsão de durar seis meses

# Preço de alimentos em alta no mercado global

**O**s preços de referência das commodities alimentares no mercado global registaram considerável aumento no mês de Setembro, com o açúcar a contribuir com a maior percentagem para o índice geral, indica a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO).

De acordo com a última actualização, o Índice de Preços de Alimentos subiu para 124,4 pontos em Setembro, o que representa um aumento de 3,0% em relação ao mês anterior, e uma inflação positiva de 2,1% comparativamente ao período homólogo de 2023. Em termos desagregados, o preços de açúcar é o que

registra maior aumento, com o gráfico a apontar para 10,4%. Por outro lado, o custo dos cereais aumentou 3,0%, impulsionado pelo valor do trigo e do milho, enquanto que óleo vegetal aumentou 4,6% em relação a Agosto. Em alta esteve também o preços de laticínios, que subiu 3,8%, empurrado pelas cotações do leite em pó integral, leite em pó desnatado, manteiga e queijo.

Mais baixo foi o crescimento da cotação das carnes, que registou apenas 0,4%, empurrado, principalmente, pelos preços da carne de aves, enquanto a carne bovina e suína permaneceram estáveis.

## Nossos Serviços na Área de Construção

Oferecemos uma diversa gama de opções aos nossos clientes

### CONTACTE-NOS NA:

1 Litchie Road, Vintonia, Nelspruit, Mpumalanga

Ou através do email:

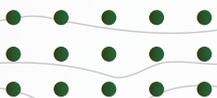
[sales@rotundaplanthire.co.za](mailto:sales@rotundaplanthire.co.za)

Tel: +72 (82) 966 1652

Tel: +27 (83) 577 6398

Webpage: <https://rotundaplanthire.co.za/>

**ROTUNDA**  
PLANT HIRE



# TABELA DE PUBLICIDADE

## TABELA DE PREÇOS DA REVISTA DIGITAL

ESPAÇO	CUSTO
Página inteira	10.200Mt + IVA
Meia página	5.300Mt + IVA
Rodapé	3.500Mt + IVA
Meio do rodapé	1.750Mt + IVA

## TABELA DE PREÇOS DO ONLINE

Formato	DIMENSÕES	CPM (Campanha por Site) Mensal
Billboard	1200 X 250 Px	7.000,00Mt + IVA
Skycraper	120 X 600 Px	5.000,00Mt + IVA
Square	250 X 250 Px	3.000,00Mt + IVA





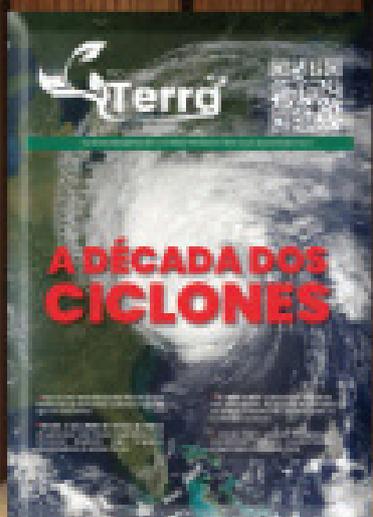
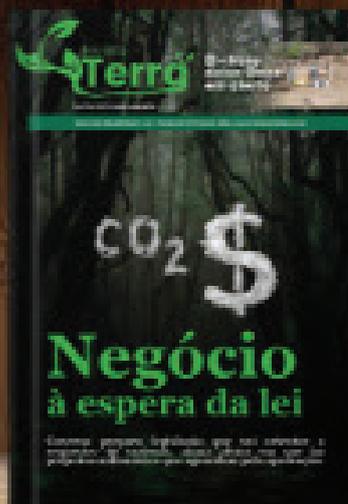
**Cultivar a Paz**  
e plantar mais árvores  
para um desenvolvimento  
sustentável



*Feliz*

**04 de Outubro**







**Revista Terra**

Rua da Resistencia n.º 1642, 3º Andar, Porta  
M Telef.: +258842399758, +258847344482  
e +258821233910

Email: [redacao@revistaterra.co.mz](mailto:redacao@revistaterra.co.mz)